

Aluna: Juliana Lucena Lima

Número USP: 9801181

Curso: Jornalismo – ECA USP

## ENSAIO 1

### Temas e Prática em Relações Internacionais - 2019

#### 1. *Introdução*

Não é difícil cair em uma rotina de conformismo com sua própria vida e com o futuro do mundo, principalmente quando, apesar de todos os esforços diários, ainda somos bombardeados com notícias desanimadoras e desafios que parecem cada vez mais intransponíveis. Mesmo enquanto jornalista ou estudante de uma universidade pública – universidade essa que é referência internacionalmente –, me via sem esperanças ou inspirações para pensar o mundo e nossa realidade atual de uma forma diferente, que indicasse uma boa perspectiva de futuro.

Já algum tempo havia decidido que deveria dedicar minha vida, de alguma forma, a questões de impacto social. Mesmo porque estava cansada de ver a universidade como um ambiente fechado à sociedade, e estava decidida a encará-la como uma ferramenta para ajudar outras pessoas. Mas, antes, precisava de inspiração.

E foi assim que encarei – e continuo a encarar – as palestras da disciplina Temas e Práticas em Relações Internacionais. E desde o início, me interessei e me senti tocada pelas experiências e palavras ali trocadas. Em especial, um discurso do professor Jacques Marcovitch sobre a oportunidade que temos em construir nossos projetos de vida em torno de um desafio das novas tendências globais de acordo com nossos interesses, habilidades e conhecimentos. Dessa forma, já estaríamos tendo uma vida significativa e também construindo um mundo mais justo e digno. Para mim, é isso que fica da experiência: as inspirações de histórias de pessoas que decidiram dedicar suas vidas para o bem coletivo.

#### 2. *Origens e características das organizações multilaterais*

O primeiro encontro da disciplina foi, antes de tudo, um momento de familiarização com ela, em que foram passadas algumas ideias e informações a seu respeito. Um fato que me chamou atenção foi a recomendação da leitura do Código de Ética da USP. Algo que em

quase quatro anos na universidade ainda não tinha passado por meu conhecimento. Foi um pontapé para lembrar que a universidade se constrói a partir de preceitos de liberdade, justiça, dignidade e solidariedade.

A aula do professor Pedro Dallari de conceitos básicos sobre organizações internacionais foi igualmente impactante. Para alguém do curso de Relações Internacionais, talvez esse seja um assunto banal, mas para uma estudante de jornalismo – que, muitas vezes, se vê presa no ritmo acelerado da notícias – é importante ter um momento de reflexão sobre o que é e o que realmente faz cada tipo de organização.

E isso é uma abertura para discussões e conhecimentos maiores. Por exemplo, entender que uma organização internacional se difere de uma organização não-governamental internacional porque possui personalidade jurídica internacional, isto é, não “pertence” ou não responde a um país, deixa mais claro assuntos sobre o funcionamento e a atuação desses entes sociais. Pensar as abrangências geográficas e temáticas das organizações internacionais nos faz pensar nas demandas e fenômenos globais, bem como abre a discussão sobre a realidade de nossa sociedade.

### *3. O Brasil no futuro do mundo*

Para embasar as discussões sobre o futuro do Brasil e do mundo, e o papel do país no cenário global, começamos por algumas tendências. Até 2050, o número de habitantes no planeta será de 9 bilhões, e dois terços da população viverá em aglomerados urbanos. No Brasil, o número será de 232.688.000 habitantes. Isso mudará a realidade em quesitos como alimentação (a produção de alimentos deverá, no mínimo, duplicar) e transporte (até 2035, será alcançada a marca de 2 bilhões de automóveis e caminhões, em uma comparação aos 800 milhões registrados em 2009).

Dentro dessas tendências e das realidades já observadas hoje, podemos definir riscos globais nas mais variadas frentes. Na economia, há a crise de confiança nas lideranças, o ressurgimento do protecionismo, a deterioração das moedas, o endividamento e déficit público com crise fiscal. Na geopolítica, terrorismo e crime organizado em alta, conflitos armados com armas de destruição massiva, radicalismo religioso, fluxos migratórios múltiplos, doenças crônicas e pandemias. Na tecnologia, rupturas de serviços de TI, perdas ou fraudes de dados digitalizados. No meio ambiente, poluição do ar, escassez de água

potável, ameaça aos oceanos, perda da biodiversidade, mudanças climáticas com a concentração dos gases de efeito estufa, e aumento de eventos extremos e catástrofes naturais.

Apesar dessas enumerações também parecerem mais preocupantes do que animadoras, o professor Jacques Marcovitch apresentou um olhar positivo e determinado em resposta aos desafios. Entre as formas de construir o futuro, podemos olhar de modo abrangente, pensando, por exemplo, na necessidade de um Estado estratégico capaz de inovar e oferecer respostas às demandas da sociedade, mas também devemos pensar nas ações que cada um pode tomar em suas vidas profissionais e privadas. Ir ao encontro do outro e valorizar o conhecimento do outro, por exemplo, são ações cotidianas fáceis de serem realizadas. Mas talvez o conselho mais esclarecedor seja fazer da riqueza e do próprio desenvolvimento um meio e não um fim.

#### *4. Infraestrutura como pilar de desenvolvimento na América Latina*

Mais uma vez, os desafios que temos de enfrentar são tema da palestra. Dessa vez, vindo de um recorte geográfico (a América Latina) e temático (o investimento em infraestrutura) de acordo com a perspectiva da Cátedra José Bonifácio, representada por Luiz Enrique Garcia Rodriguez.

A Cátedra tem a função de colocar a comunidade da USP em contato com grandes lideranças da Iberoamérica a fim de se preparar para o futuro, visto que essa interação e integração é fundamental no mundo conectado de hoje.

Sobre o tema da infraestrutura, fica claro que a América Latina está atrasada em relação ao mundo (o investimento aqui é de apenas 3%, comparado à China, onde é de 10%). A área é de extrema importância para que o desenvolvimento desses países cresça não só economicamente, mas também com sustentabilidade, inclusão social e, principalmente, estabilidade.

Novamente, vemos que não só o Estado tem um papel a cumprir em relação ao desafio, fortalecendo as prioridades e agindo de forma clara para o financiamento e construção da infraestrutura, bem como para o fortalecimento das organizações multilaterais latinoamericanas, mas o papel da universidade nesse contexto também é fundamental.

E fica claro que, se já há espaços dentro dela para pensar e agir em relação a isso, há um espaço ainda maior a ser preenchido por toda a comunidade universitária. Em primeiro lugar, para vencer esse problema, são precisos estudos técnicos, econômicos e ambientais de

seriedade. Mas também é preciso uma integração entre os países latinoamericanos que seja política, econômica e cultural. Integração essa que pode e deve ser começada pela universidade. A Cátedra José Bonifácio fica como um exemplo bem sucedido dessa necessidade.

##### *5. Conflitos Armados e a Promoção da Paz: Sérgio Vieira de Mello*

Talvez o maior exemplo de humanitário e transformador do mundo, o diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello deve servir de inspiração a todos aqueles que desejam ter vidas significativas. Não pelas posições alcançadas em sua carreira na ONU, não pelo poder que possuía nas mãos, mas por seus ideais.

Sérgio era conhecido por seu carisma, sua capacidade de negociação e persuasão e em nenhum momento dos seus mais de 30 anos de atuação na ONU, perdeu o seu idealismo e sua crença nas pessoas. Ele sempre acreditou que o real motivo e a real missão da organização era atuar em campo, junto com aqueles que realmente precisavam, sem se render às politicagens internacionais.

Mesmo em sua maior e mais importante missão, no Timor Leste, em 1999, Vieira de Mello agiu com a integridade pela qual era reconhecido. Mesmo com grandes poderes nas mãos, ele queria que o país se reconstruísse sozinho e trabalhou para que a presença da ONU no local fosse a mais curta possível.

Sérgio Vieira de Mello, acima de tudo, acreditava na ONU como ferramenta de transformação social prática, bem como sua permanência como organização internacional neutra (Sérgio era crítico da interferência dos interesses nacionais dos membros da organização, principalmente das grandes potências como os EUA).

Vale mencionar ainda a experiência que os alunos da disciplina tiveram ao completar o curso online BSAFE, do Departamento de Segurança da ONU, que nos aproximou mais um pouco da organização a que Sérgio Vieira de Mello tanto se dedicou.

##### *6. Tendências na ajuda humanitária e seus desafios*

Os desafios que temos para o futuro afetarão também a ajuda humanitária. As mudanças climáticas e a transformação digital são apenas exemplos de fatos que moldarão a diplomacia humanitária no mundo. E nesse cenário, é preciso rever ações: reorganizar

recursos e políticas internas, e principalmente, externas. Mas, acima de tudo, é preciso fortalecer as organizações que atuam com ajuda humanitária.

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) vem atuando nessa área há décadas e hoje assiste cerca de 90 países em mais de 150 nacionalidades. Sua missão é proteger a vida e a dignidade das vítimas de conflitos armados e outras situações de violência.

O CICV é baseado nas Convenções de Genebra e seus Tratados, que protegem pessoas que não participam dos combates de guerra (civis, pessoal de saúde, profissionais humanitários) e as que deixam de combater (militares feridos, enfermos e náufragos, prisioneiros de guerra).

Apesar de surgirem depois da Segunda Guerra Mundial, ou seja, há 70 anos, esses tratados ainda são atuais e devem ser seguidos e fortalecidos. Atualmente, cerca de 120 milhões de pessoas precisam de assistência devido a conflitos armados e outras situações de violência. Conflitos esses que, ao contrário de antigamente, são, em sua maioria, não internacionais.

Diante disso, vemos que é preciso se adaptar às novas realidades e unir esforços entre Estados, organizações internacionais e sociedade civil. O ponto crucial é apoiar o desenvolvimento próprio desses países, e não só reforçar uma dependência internacional. Estamos caminhando para um novo cenário global, e as organizações como o CICV continuarão a desenvolver um papel fundamental nesse quesito.

### *7. Tendências do trabalho com seus desafios*

O Brasil, além de estar passando por mudanças e adaptações internas, está tendo que enfrentar e construir, a duras penas, uma nova reputação no exterior. No cenário econômico, por exemplo, vimos um retorno da popularização da Bolsa de Valores. O número de investidores individuais que aplicam parte de sua poupança em ações da B3 cresceu, se aproximando do número de 1 milhão. Isso só foi possível graças à queda da taxa de juros causada pela queda da inflação.

No entanto, ainda há o desafio de fazer essa uma realidade estável a médio/longo prazo. A confiança na recuperação da economia ainda é tímida e caminha a curtos passos. Enquanto isso, o investidor estrangeiro ainda aguarda a materialização das reformas da Previdência e Tributária em curso no Congresso brasileiro para se posicionar em relação ao mercado.

A boa notícia é que esse novo investimento estrangeiro seria um estímulo a mais na economia do Brasil. O Acordo entre a União Europeia e o Mercosul, que ainda precisa ser aprovado pelos países membros dos blocos, já aponta sinais positivos nesse sentido. Há até mesmo um interesse dos Estados Unidos em se aproximar e fazer acordos econômicos com a América do Sul, que beneficiaram muito o Brasil.

Mas ainda há muito o que se fazer. As sequenciais crises políticas no país diminuem significativamente sua reputação e poder no exterior (e a ameaça da guerra hegemônica entre China e Estados Unidos deixa o cenário internacional ainda mais incerto e difícil para o Brasil).

Por aqui, a confiança da população na política e na economia ainda precisa ser fortalecida, bem como a questão educacional em relação a esses assuntos carece de muita atenção. Os desafios se tornam cada vez mais complexos e pedem inovação, tanto do Estado quanto de qualquer um que deseje impactar positivamente o país.

#### 8. *Tendências no comércio internacional e seus desafios*

Os desafios do Brasil no comércio internacional estão, principalmente, na inovação e fortalecimento do agronegócio. A venda das *commodities* brasileiras sempre foi forte devido às suas ofertas vantajosas para o mercado. Mas atualmente, isso não basta. O Brasil nunca fez um esforço para criar uma marca e uma reputação forte no exterior, e isso nos afeta mais hoje. O comércio global está muito mais voltado à geopolítica.

O Brasil, primeiramente, precisa melhorar e simplificar suas barreiras tarifárias e não tarifárias. Apesar da produção brasileira ser forte, se perde muito com processamento, transporte, etc. A inovação das safras também deve ser uma opção para o país.

Mas, acima de tudo, é preciso trabalhar sua reputação. Temas de saúde, sanidade e sustentabilidade estão no centro das discussões internacionais sobre alimentos, e o Brasil, como terceiro maior exportador do mundo, precisa se atentar para essas questões. Para tanto, é preciso bons estudos e uma sólida estratégia de representação e diálogo no exterior. Aqui, novamente tem-se revelado o papel fundamental que a universidade possui.

Um exemplo disso é a Cátedra Luiz de Queiroz da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP, que está ampliando seus estudos sobre a China, nosso atual maior parceiro econômico.

Não só a guerra hegemônica entre Estados Unidos e China, mas todo o novo cenário econômico mundial, em que os países asiáticos se apresentam como fortes parceiros, nos direciona a uma nova postura no cenário internacional. Reforçar a relação com os chineses será extremamente necessário não só do ponto de vista econômico mas também político e cultural. Nada melhor do que começar essa abrangência pelas experiências na universidade.

## *9. Conclusão*

Nesse primeiro momento da disciplina Temas e Práticas em Relações Internacionais, pudemos perceber o quão complexo é estudar e manter posições e relações no novo cenário global. Mas entender o passado e o presente nos dá ânimo para encarar as novas tendências e desafios do futuro.

Além dos conceitos técnicos de política ou economia, a grande ideia dos encontros foi entender que existem inúmeras maneiras de atuar com impacto no mundo, que existem inúmeras pessoas trabalhando para isso todos os dias, inclusive dentro de nossa própria universidade. E acima de tudo, podemos pensar em trilhar nossos próprios caminhos de acordo com essa missão, não importando a área de atuação. Diplomatas, economistas, engenheiros, jornalistas, professores, todos são fundamentais para a construção de uma sociedade melhor.